

IX Encontro Nacional de Estudos do Consumo

21 a 23/11/2018, ESPM, Rio de Janeiro, RJ

Grupo de Trabalho: GT 02. Consumo, inclusão social e novas
configurações subjetivas

Protagonismo Social das mulheres Migrantes do Rio de Janeiro: o caso
da Feira de Refugiados Chega Junto

Conceição Aparecida Nascimento de Souza

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Palavras-chave: Inclusão Social, Imigração, Consumo de Comidas
Típicas, Protagonismo Feminino.

Resumo:

A sociedade contemporânea apresenta uma complexidade política internacional (terrorismo, recrudescimento da intolerância, ascensão da extrema direita, ...) que impacta, de alguma maneira, na economia e na rotina de várias comunidades, de várias nações. Uma das consequências mais relevantes é a existência de fluxos internacionais de pessoas, incluindo os refugiados, para todas as partes do mundo, inclusive para o Brasil.

O objetivo deste artigo é procurar compreender como se desenvolve o protagonismo feminino das mulheres das famílias que migraram para a cidade do Rio de Janeiro, vítimas de um processo diaspórico forçado. Este protagonismo ocorre concomitantemente à ocorrência do processo de inclusão social e ressignificação identitária. O *locus* da pesquisa é a Feira de Refugiados Chega Junto, que ocorre mensalmente no bairro de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro e cujo objetivo é promover a integração dos refugiados que migraram para a cidade do Rio de Janeiro, por meio da gastronomia típica, reforçando o papel da comida como um elemento que valoriza a interculturalidade e o empoderamento dos participantes. Neste sentido, a comida atua como linguagem comum, capaz de construir e compartilhar significados (MONTANARI, 2013). A escolha da atividade que garante parte da subsistência destas mulheres está, na maioria das vezes, relacionada a conhecimentos prévios, adquiridos, na maioria das vezes, no país de origem. A diáspora, por sua vez, pressupõe o fenômeno do deslocamento, no espaço e no tempo. Hall (2009) define bem o sentimento diaspórico ao dizer que as pessoas estão “longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o bastante para entender o enigma de uma chegada sempre tardia” (2009, p. 393). A realidade deixada para trás carrega consigo tanto as chagas de uma vida de sofrimento quanto o vislumbre de um amanhã melhor, pois apesar de todas as dificuldades vividas há um “querer viver teimoso, irrepreensível” (MAFFESOLI, 2012, p.17).

Para atingir os objetivos propostos, a metodologia utilizada na pesquisa será a revisão bibliográfica e a etnografia, onde a coleta dos dados se dará por meio da observação participante e entrevistas semiestruturadas. A escolha da metodologia é devido ao entendimento que uma das formas de realizar a pesquisa é ir a campo e observar as interações, sendo, ainda, uma interessante e produtiva forma de entrar em contato com o universo a ser pesquisado. Será considerado como população o conjunto de elementos (mulheres refugiadas, moradores da cidade do Rio de Janeiro e instituições, como ONGs e paróquias, entre outras) que possuam as características que serão objeto da pesquisa.

Introdução:

A sociedade contemporânea apresenta uma complexidade política internacional (terrorismo, recrudescimento da intolerância, ascensão da extrema direita, ...) que impacta, de alguma maneira, na economia e na rotina de várias comunidades, de várias nações. Uma das consequências mais relevantes é a

existência de fluxos internacionais de pessoas, incluindo os refugiados, para todas as partes do mundo, inclusive para o Brasil.

De acordo com a Organização das Nações Unidas – ONU, em 2017 havia, no mundo, mais de 68 milhões de pessoas que saíram de seus países devido a conflitos e perseguições. Uma em cada 113 pessoas no mundo estão nesta situação, configurando a maior crise humanitária desde a Segunda Grande Guerra.

Nos estudos sobre a questão da mobilidade humana, incluindo as diásporas forçadas, não era levado em consideração a questão do gênero. Sob uma perspectiva tradicional e patriarcal, havia a prevalência do gênero masculino. Tudo se resumia ao “homem migrante”.

O objeto desta pesquisa são as mulheres migrantes-refugiadas que se fixaram na cidade do Rio de Janeiro. A feminização das migrações busca compreender a realidade migratória sob o viés do gênero feminino. A partir da década de 1980, com o reconhecimento da obsolescência desta representação, a questão da igualdade de gênero passou a fazer parte das pesquisas acadêmicas. Alguns fatores são apontados como causadores desta mudança de paradigma: os movimentos sociais que promovem a igualdade de gênero, a participação cada vez mais significativa da mulher no mercado de trabalho e o aumento das migrações femininas. De acordo com a ONU, as mulheres representam 48 % das migrações internacionais.

O protagonismo da mulher migrante-refugiada ocorre ao longo do processo de desterritorialização-reterritorialização. que em seus aspectos físicos corresponde à saída das pessoas de seus locais de origem e à chegada/acolhimento em outro lugar (HAESBAERT, 2014). Sua atuação protagonista deve ser compreendida a partir do desempenho do seu papel nos espaços reprodutivos, produtivos e públicos. Diante de uma situação de ameaça, ao participar de forma ativa na decisão de migrar e para onde migrar, continua prevalecendo, na maioria das vezes, a busca pela segurança e bem estar da família. Vale ressaltar que ao apresentar algumas destas mulheres, foram utilizados nomes fictícios, no intuito de preservar suas privacidades.

O *locus* de observação é a Feira de Refugiados Chega Junto, onde o processo de vinculação se dá pela comida, que é, de maneira concomitante, um sistema de comunicação, um corpo de imagens, um protocolo de usos, situações

e comportamentos. Este espaço é a representação de uma sociedade globalizada e pós moderna, pois apresenta a multiterritorialidade, onde, num mesmo lugar é possível encontrar pessoas das mais diferentes origens; a multiculturalidade, uma vez que nos espaços multiculturais encontra-se uma gama de diferentes culturas e opções simbólicas e, por fim, a interculturalidade, fazendo alusão às interações e hibridismos, resultantes do cruzamento das diferentes culturas, proporcionando trocas e fusões estilísticas. E é neste lugar, carregado de sentidos, que é possível observar todas os matizes da atuação protagonista da mulher migrante-refugiada.

A globalização e a questão migratória, no mundo e no Brasil:

A questão migratória, no mundo, faz parte de um processo político, social e econômico, desencadeado por diversos fatores. Os mais relevantes são: recrudescimento das diferenças; perseguições (políticas, étnicas ou culturais), busca de melhores condições de vida e projetos acadêmicos. Este processo impacta, de muitas formas, a economia e as relações sociais, de muitas comunidades, de várias nações, alterando o mapa geopolítico mundial. Se configura como um dos grandes temas da contemporaneidade a serem pensados por toda a sociedade.

Para a ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados)¹, os refugiados são pessoas que escaparam de conflitos armados ou perseguições. Normalmente, essas pessoas vivem numa intolerável situação de periculosidade, onde, em muitos casos, a única solução é cruzar fronteiras internacionais e buscar a segurança, nem sempre possível, em outros países onde passam a ser consideradas refugiadas.

De acordo com a entidade, em 2015, havia 244 milhões de migrantes internacionais. Este número representa um aumento de 41% quando comparado ao ano de 2000. Desse total, 22,5 milhões são refugiados. Ainda de acordo com a entidade, em 2017, havia no mundo, 68,5 milhões de pessoas que saíram de

¹ www.unhcr.org/global-trends-2017-media

seus países devido a conflitos e perseguições. Uma em cada 113 pessoas no mundo estão nesta situação, configurando a maior crise humanitária desde a Segunda Guerra Mundial. A maioria destes refugiados, 31%, são sírios.

O Brasil compõe o mapa de migrações internacionais. De acordo com o Comitê Nacional para Refugiados – CONARE, órgão ligado ao Ministério da Justiça, em 2017, havia no país um total de 10.145 refugiados, de 82 nacionalidades², com a prevalência dos sírios, 39%. No mesmo ano, foram registradas 33.866 solicitações de reconhecimento da condição de refugiado.

Tabela 1: Situação do refúgio no Brasil e no mundo (adaptado de Adaptado: http://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/04/refugio-em-numeros_1104.pdf)

	BRASIL (2017)	MUNDO 2016)
ACUMULADO DE REFUGIADOS RECONHECIDOS	10. 145	22,5 milhões
SOLICITAÇÕES DE RECONHECIMENTOS EM TRÂMITE	86.007	2,8 milhões
NACIONALIDADE COM MAIOR NÚMERO DE REFUGIADOS RECONHECIDOS	39%	31%

²http://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/04/refugio-em-numeros_1104.pdf

A feminização das migrações:

A feminização das migrações busca compreender a realidade migratória sob a perspectiva do gênero feminino. Por muito tempo, as pesquisas acerca dos deslocamentos humanos, incluindo as migrações, possuíam um viés tradicional e patriarcal. (RODRIGUES, R.; STREY, M. N.; SPINOSA, L. C., 2009). A predominância do gênero masculino, do “homem migrante” nas pesquisas, fazia (e em grande medida, ainda faz) parte de uma representação social, que privilegia o poder masculino na perspectiva socioeconômico e relacional. Porém, a presença e visibilidade das mulheres na questão da mobilidade humana internacional é um fato inquestionável. A partir da década de 1980, houve, finalmente, o reconhecimento da obsolescência da representação que colocava a presença feminina em segundo plano, apesar de elas sempre terem feito parte do processo migratório. A questão da igualdade de gênero passou a figurar nas pesquisas acadêmicas, incluindo as pesquisas sobre a mobilidade humana (KRZESLO, 2007). Alguns fatores podem explicar este fato: os movimentos sociais que promovem a igualdade de gênero, a inserção cada vez maior da mulher no mercado de trabalho e o aumento quantitativo das migrações femininas. Não fazia mais sentido, portanto, considerar que faziam parte dos fluxos migratórios, grupos hegemonicamente masculinos.

De acordo com a ONU (2013), as mulheres representam 48% do total de migrantes internacionais. Na Europa, América Latina, Caribe, América do Norte e Oceania, este percentual ultrapassa os 50% (dados de 2013). Os percentuais apresentados referem-se às migrações em geral, e não apenas às diásporas forçadas, demonstrando o crescente número de mulheres com projetos migratórios individuais. De qualquer forma, os números revelam, de maneira inquestionável, o protagonismo feminino na questão dos fluxos migratórios. Para a ONU, alguns fatores podem explicar esta configuração: as demandas do mercado de trabalho, as leis imigratórias, as diásporas forçadas e as características culturais dos países de origem e de acolhimento.

Gráfico 1: (Adaptado de:
<http://www.un.org/en/development/desa/population/migration/publications/migrationreport/docs/MigrationReport2017.pdf>)

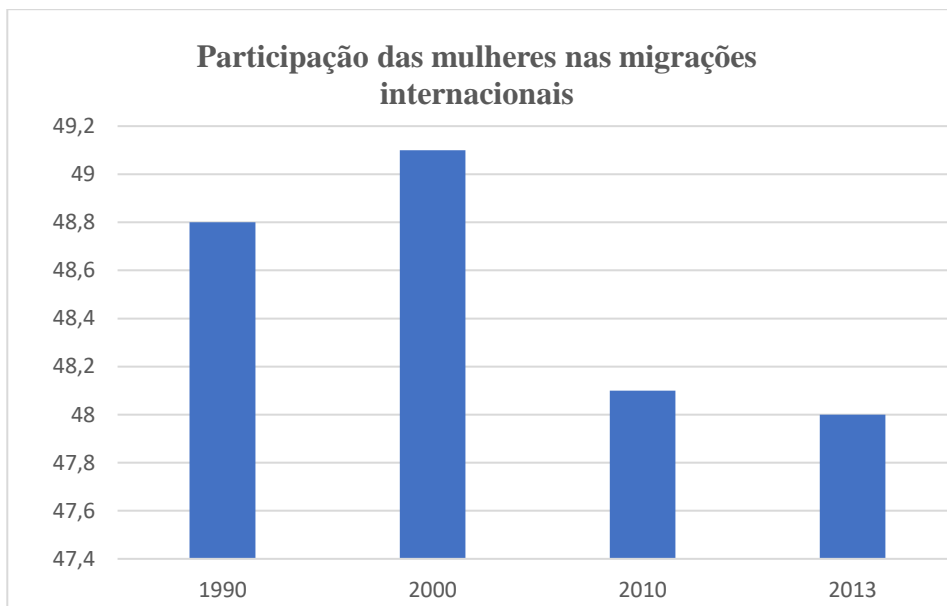
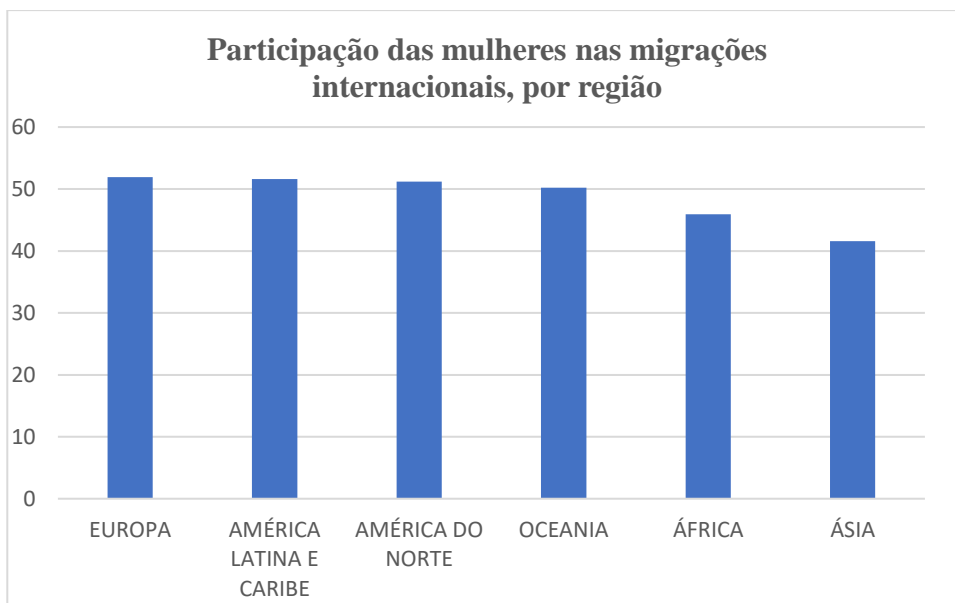


Gráfico 2: (Adaptado de:
<http://www.un.org/en/development/desa/population/migration/publications/migrationreport/docs/MigrationReport2017.pdf>)



O perfil da mulher migrante é outro fator que deve ser considerado quando se fala da feminização das migrações. No passado, era comum que as mulheres da família acompanhassem os homens que migravam para o exterior. Hoje, é comum que as mulheres possuam projetos migratórios individuais. Esse novo perfil é consequência da conquista da emancipação feminina ocorrida nas últimas décadas e da migração, como forma de buscar e consolidar esta emancipação. Com relação aos refugiados, no Brasil 28% são do sexo feminino. No Rio de Janeiro, o número é expressivamente maior: 48%.

O protagonismo da mulher migrante ocorre ao longo do processo de desterritorialização-reterritorialização, que em seus aspectos físicos correspondem à saída das pessoas de seus locais de origem e a chegada/acolhimento a um novo lugar (HAESBAERT, 2014). Sua atuação protagonista deve ser compreendida a partir do desempenho do seu papel nos espaços reprodutivos, produtivos e públicos, (HIDRATA, 1995). Os cuidados com a família, a educação e a formação moral dos filhos, atividades próprias do espaço reprodutivo, historicamente sempre estiveram à cargo da mulher. Diante de uma situação de ameaça, ao participar de forma ativa na decisão de migrar e para onde migrar, continua prevalecendo, de forma geral, a busca pela segurança e bem estar da família.

No que se refere ao espaço produtivo, a mulher migrante-refugiada, já na sociedade de acolhimento, e vivenciando o processo da reterritorialização, contribui de maneira significativa com a economia familiar. Em muitos casos, ainda contribuem com a economia do país de origem, por meio de remessas, pois em muitas situações, não há a possibilidade de se trazer todos os membros da família. Contribuem, ainda, de maneira significativa com a economia do país de acolhimento, ao ocuparem postos de trabalho ou atuarem como empreendedoras.

É também na vivência do processo de reterritorialização e vinculação que se dá a atuação no espaço público. Ao participar de forma ativa no cenário socioeconômico da sociedade de acolhimento, esta mulher reivindica sua condição de cidadã, em seus aspectos materiais e imateriais. Nos três espaços: reprodutivo, produtivo e público, emerge sua capacidade de atuar de maneira decisiva, no intuito de garantir melhores condições de vida para si e para todos os membros da família. Esta mulher vive, de maneira concomitante, uma

situação de sujeição e subjetivação. Mesmo diante de situações de adversidade e vulnerabilidade, a migração é uma oportunidade de emancipação e protagonismo e, porque não dizer, da concretização de sonhos.

Globalização, diásporas e identidades:

“...longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o bastante para entender o enigma de uma chegada sempre adiada”.
(Stuart Hall)

Como já foi visto, o mundo está vivenciando novos tempos sobre a mobilidade urbana, fazendo lançar um novo olhar sobre os fluxos migratórios e o processo da globalização. Este processo, iniciado na década de 1990, sob as perspectivas econômica, social e cultural, pressupõe a interação entre pessoas, economias, mercados e culturas, em todo o mundo. Para Hall (2006) possui forte impacto na construção do sujeito pós-moderno, onde as identidades começam a ser partilhadas a partir do consumo: “consumidores para os mesmos bens, clientes para os mesmos serviços, públicos para as mesmas mensagens e imagens” (IDEM, p. 74). É a celebração do móvel, onde as identidades se encontram em formação contínua (MAFFESOLI, 2012), em meio a uma ininterrupta fluidez das fronteiras (BAUMAN, 1999).

Seus recentes movimentos se iniciaram no início da década de 1990, com a popularização da internet. Para Bauman (1999) é um processo irreversível, “que afeta todos na mesma medida e da mesma maneira” (p. 7). Para o autor, a expressão *compressão tempo-espço* diz respeito à multifacetada transformação da condição humana na era globalizada, onde a utilização, tanto do tempo quanto do espaço são ao mesmo tempo diferenciados e diferenciadores: “Estamos em movimento mesmo que fisicamente estejamos imóveis” (p.8). Pressupõe a interação entre pessoas, economias, mercados e culturas, em todo o mundo. Neste processo, as nações veem sua soberania, identidades e redes de comunicação sofrerem as consequências do fluxo de atores transacionais (Beck 1999). Até então, antes da globalização, o sistema

transacional vigente era o da lógica da uniformidade cultural, que não considerava a diversidade cultural entre culturas e nações (RASSE, 2015).

Este cenário possui algumas características próprias e intransferíveis, como a multiterritorialidade, a interculturalidade e a transculturalidade. A Cultura está presente em todas as práticas sociais, sociedade e cultura são inter-relacionados, numa dinâmica repleta de elementos que se esbarram e imbricam (CANCLINI, 2015). Os processos globalizadores reafirmam a interculturalidade ao criarem mercados mundiais de bens, tanto materiais quanto imateriais, e monetários. É a celebração do móvel, onde as identidades se encontram em formação contínua (MAFFESOLI, 2012).

A internet, fator preponderante da globalização, surge para fluidificar as fronteiras, contribuindo com o livre fluxo da cultura e novas formas de consumo e experiências, por meio da instantaneidade do transporte da informação. E é graças a estas fronteiras fluidas que as pessoas, protagonistas de uma diáspora forçada, como é o caso das mulheres migrantes-refugiadas que vieram para a cidade do Rio de Janeiro e trabalham na Feira Chega Junto, passam a ter informações e contatos com os muitos locais possíveis de migração, ajudando na definição do destino.

Por serem diversas e plurais, tanto as identidades quanto as culturas devem ser vistas como algo em permanente construção, resultado das interações e hibridismos, que proporcionam um sem número de fusões estilísticas.

Ao migrarem para outros países, independentemente dos motivos, as pessoas, muitas vezes famílias inteiras, experimentam o sentimento da ruptura e perda; a incessante busca pelo seu lugar no mundo. Uma das principais consequências é a crise identitária, proveniente de uma dupla descentração: a perda do seu lugar em si e a perda do seu lugar no mundo (HALL, 1992). Dentre os vários destinos possíveis, muitos deles migram para o Brasil pelo fato do país possuir políticas que facilitam a entrada, a chamada “política de portas abertas”.

Hall (2009), um dos principais pensadores a tratar o tema, diz que a diáspora, em seu sentido puro, é baseada na perspectiva da diferença, onde há o pressuposto da existência de um outro, que coloca em oposição o que está dentro e o que está fora. O autor define bem o sentimento diaspórico ao dizer que as pessoas estão “longe o suficiente para experimentar o sentimento de

exílio e perda, perto o bastante para entender o enigma de uma chegada sempre tardia” (2009, p. 393). Ainda de acordo com o autor, a perspectiva diaspórica da cultura pode ser vista como uma subversão dos modelos culturais tradicionais orientados para a nação, pois os mitos fundadores da identidade cultural são transitórios e aistóricos. A nação é apresentada como uma comunidade imaginada, perpetuada por memórias do passado e pela perpetuação da herança de uma narrativa, continuamente transformada por novos elementos, contatos, vivências e experiências. Sobre a mesma questão, Montanari (2013) afirma que as identidades culturais são algo vivo, que se modificam continuamente por meio do contato com outras culturas, fruto da livre circulação das pessoas pelo mundo.

A perspectiva da diferença é inerente ao processo diaspórico, onde há o pressuposto da existência de um outro, colocando em extremidades opostas o que está dentro e o que está fora (HALL, 2009). De forma apartada à premissa que a identidade cultural é marcada no nascimento por meio dos genes, o que se verifica são fronteiras cada vez mais diluídas, possibilitando o hibridismo e as interações culturais, sem limites fortemente estabelecidos. Para Hall (2009, p.62), na desconstrução da ideia de cultura nacional como identidade unificadora, “elas são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo unificadas apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural”.

A diáspora pressupõe o fenômeno do deslocamento, no espaço e no tempo. É o deslocamento do espaço primordial para um espaço desconhecido. A realidade deixada para trás carrega consigo tanto as chagas de uma vida de sofrimento quanto o vislumbre de um amanhã melhor.

Protagonismo das mulheres na Feira de Refugiados Chega Junto:

A Feira de Refugiados Chega Junto é uma parceria do Projeto Chega Junto, da Junta Local e da Cáritas-RJ. O objetivo do Projeto é promover a integração sociocultural dos refugiados no cenário carioca, por meio da gastronomia típica, reforçando o papel da comida como um elemento que

valoriza a interculturalidade e empoderamento dos refugiados³. Ao chegarem aqui, estas pessoas se encontram, muitas vezes, numa situação de vulnerabilidade. A Junta local, por sua vez, é uma comunidade localizada no Rio de Janeiro, que se propõe criar espaços físicos e virtuais para reunir consumidores, que buscam comida de qualidade oferecida a um preço justo, e pequenos produtores⁴.

A Cáritas foi criada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em 1956. Seu principal objetivo é articular obras sociais católicas em todo território nacional. Em 1976 teve início o trabalho com os refugiados. Numa iniciativa pioneira, a Arquidiocese do Rio de Janeiro passou a acolher e prestar assistência aos refugiados que chegavam à cidade. Eles vinham dos países vizinhos, como Argentina, Chile e Uruguai e chegavam aqui fugindo da perseguição política dos regimes militares. Na mesma época, Dom Eugênio Sales, decidiu instalar um serviço permanente de ajuda a refugiados. Com o auxílio da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), o cardeal designou a Cáritas-RJ para assumir essa tarefa em nome da Arquidiocese, dando origem ao primeiro trabalho sistematizado de atendimento a refugiados no Brasil⁵.

A Feira de Refugiados Chega Junto existe desde 2016 e acontece, sempre no último sábado de cada mês, nos jardins da Igreja Anglicana Christ Church Rio, localizada na Rua Real Grandeza, 99, no bairro de Botafogo, um dos mais tradicionais da cidade do Rio de Janeiro. Como um grande “mosaico societal”, se traduz numa grande festa, num espaço de celebração em constante movimento (MAFFESOLI, 2012), onde temos a oportunidade de visitar diversos países, sem sair do lugar. É uma experiência imersa nos mais variados sons, imagens, cheiros, e acima de tudo, paladares.

³ <https://m.facebook.com/caritasrj/posts/651278165054902>

⁴ <https://juntalocal.com/>

⁵ <http://www.caritas-rj.org.br/>

Como a Feira é um evento gastronômico, é de se esperar que a comida seja a grande estrela. Ela funciona como uma linguagem comum, que constrói e compartilha significados (HALL, 2016). Enquanto mediadora, favorece trocas, vivências, hibridismos e afetos. Se apresenta, de maneira concorrente, como um sistema de comunicação, um corpo de imagens, um protocolo de usos, situações e comportamentos, fazendo surgir, de maneira significativa, novas formas de ser, agir, sentir e se relacionar, indo além da questão biológica (MONTANARI, 2013). A Feira é um espaço de rica existência intercultural e ressignificações. Por meio das múltiplas interações, as identidades de todos os que ali estão (refugiados, organizadores, visitantes, ...) vão sendo hibridizadas e ressignificadas, uma vez que nesse espaço

“...tão fluidicamente interconectado, as sedimentações identitárias organizadas em conjuntos históricos mais ou menos estáveis (etnias, nações, classes) se estruturam em conjuntos interétnicos, transclassistas e transnacionais” (CANCLINI, 2015, xxii)

Diante de várias possibilidades, a mulher migrante-refugiada que trabalha na Feira, mais uma vez dá mostras de seu protagonismo ao decidir se inserir socioeconomicamente e garantir sua subsistência e, conseqüentemente, manter o bem estar da família, por meio do preparo e comercialização de comidas típicas de seus locais de origem, lançando mão de conhecimentos prévios.

Desde minhas primeiras incursões como observadora participante, verifiquei que a presença das mulheres é majoritária. Na Feira trabalham colombianas, venezuelanas, haitianas, africanas, sírias, indianas e nigerianas. E a cada mês é possível encontrar mulheres de nacionalidades diferentes. Todas falam português, com mais ou menos sotaque. Uma profusão de signos, representados por cores, cheiros, indumentárias, decorações e sotaques diferentes, invadem o ambiente e convidam a uma experiência intercultural. A pluralidade se faz presente por meio do intercâmbio dos sentidos e compartilhamento de significados (HALL, 2016). Como num romance polifônico (BAKHTIN, 1997), todas as vozes se fazem ouvir.

Ao chegarem na cidade do Rio de Janeiro, estas mulheres se deparam com a força do lugar, pois a cidade possui regras e códigos próprios, de natureza material e imaterial, como as leis, a cultura e o *modus operandi*, tangibilizados no cotidiano dos moradores da cidade e na existência das demais organizações e instituições. A realidade destas mulheres, permeada por vulnerabilidades, conjuga uma série de marcadores identitários: ela é mulher, migrante, estrangeira, trabalhadora, mãe e esposa. E mais, lidam com a dificuldade da língua, com o preconceito e com a xenofobia.

Numa observação mais superficial, pode parecer que a interação entre os atores sociais, moradores do Rio de Janeiro e as refugiadas, ocorre sem conflitos, principalmente se a observação ocorrer tendo como referência o carioca amável e solidário, presente no imaginário coletivo. Porém, é necessário ressaltar que a existência da interculturalidade, presente no processo de mediação, pressupõe uma confrontação, presente nas relações entre os diferentes grupos, onde os novos fluxos informacionais e movimentos comunicacionais passam a ser gerenciados pelos novos atores (MAIA, 2006). Canclini (2015), alerta para o fato que não se pode considerar a interculturalidade como um sistema de fusões, sem considerar os aspectos das diferenças culturais, como se elas fossem sem relevância, anódinas. Complementa dizendo que só se pode entender a dinâmica interacional considerando as diferenças e entendendo como se dá a apropriação e a interpretação dos códigos materiais e simbólicos presentes.

E é neste território ocupado que estas mulheres se veem diante da necessidade de negociar, de forma permanente, com a cultura local seus próprios espaços, buscando brechas para driblar o *status quo* (CERTEAU, 1994). Os conflitos e as tensões se encontram abaixo da superficialidade, que apresenta os refugiados se inserindo de maneira orgânica na dinâmica da “cariocalidade” local.

Na Feira, o cotidiano dos cariocas e das refugiadas é ressignificado de diversas maneiras. Para os cariocas, significa a cultura do outro (a viagem sem sair do lugar), solidariedade e o afeto, enquanto que para as refugiadas é uma forma de empoderamento e autoestima. Significa ainda, memória, lembrança, sobrevivência e reafirmação identitária. Apesar da distância da terra natal, os elos com os locais de origem permanecem fortes. Porém, com o passar do

tempo, da adaptação e vinculação ao novo lugar e à nova cultura, presentes no processo de reterritorialização, decorre uma identificação com o novo lugar, fazendo surgir uma gama de reidentificações simbólicas, próprias do processo de ressocialização.

Em minhas observações, pude perceber como estas mulheres atuam, de forma concomitante e extremamente natural, nos espaços reprodutivo, produtivo e público. Ao mesmo tempo em que “produzem dinheiro” para a subsistência da família, elas organizam e operacionalizam a rotina familiar. A Feira é o grande espaço público, que propicia estas atuações. Em muitos casos, está presente na Feira toda a família, incluindo crianças das mais variadas idades. Numa ocasião, pude presenciar a Kênia, uma nigeriana, fazendo uma pausa entre preparar e oferecer seus “quitutes”, pra amamentar sua filhinha. Claramente, ela era a grande gerente. Ao seu comando, o marido assumiu o preparo das comidas, enquanto a filha mais velha foi providenciar mais ingredientes. Numa outra barraca, uma linda e sorridente menina venezuelana de 12 anos, chamada Arianna, era a responsável pela apresentação dos pratos. Estava claramente seguindo as orientações da mãe.

Em minhas conversas com algumas destas mulheres, ficou evidente seu protagonismo nas decisões familiares. Fátima, uma venezuelana de 35 anos era gerente de uma livraria. Resolveu migrar, para fugir da séria crise política e econômica que assola seu país. Enquanto conversávamos, perguntei de quem foi a decisão de vir para o Brasil. Ela respondeu que no final foi uma decisão conjunta, e rindo, disse que o marido precisou ser convencido com muito jeitinho. Para ela, conhecer o Rio de Janeiro era um sonho antigo. Pelo marido, eles teriam migrado para os Estados Unidos. Os argumentos que ela usou para convencê-lo foram: o fato de possuírem conhecidos aqui, a beleza da cidade e a facilidade de se ingressar no país.

Numa outra conversa, desta vez com a Maria, uma síria, perguntei como se deu a decisão de trabalhar com comida. Ela me disse que quando chegou, encontrou muita dificuldade de arrumar emprego. Diante da opção da informalidade, resolveu aceitar o desafio de preparar e comercializar as comidas que costumava preparar para a família e cujas receitas havia aprendido com sua mãe. Disse também, visivelmente emocionada, como esta atividade a mantinha em contato com tudo o que ela havia deixado para trás. Maria tem uma filha e

um neto que ainda moram na Síria e que por isso, sempre que pode, ela envia dinheiro. A ideia é que eles se juntem a ela, aqui no Brasil, assim que conseguirem juntar o dinheiro necessário.

Estes depoimentos evidenciam que mesmo diante de uma situação de vulnerabilidade e dificuldades, a mulher migrante-refugiada é resiliente; um agente de cuidado monetário e afetivo. Apesar de todas as dificuldades vividas há um “querer viver teimoso, irrepreensível” (MAFFESOLI, 2012, p.17). A nova vida é como um grande devir, que traz consigo inúmeras potencialidades e possibilidades (DELEUZE, GUATARRI, 2011).

Conclusão:

Em todo o mundo, a questão da migração em massa tem impactado de muitas maneiras na economia e na vida cotidiana de muitas nações e de várias comunidades. Os motivos para esta migração são os mais variados, sendo os principais: o recrudescimento das diferenças, as perseguições (políticas, étnicas ou culturais), a busca por melhores condições de vida ou em função de projetos acadêmicos.

As mulheres sempre estiveram presentes no processo migratório, mas apesar disso, até a década de 1980, as pesquisas acadêmicas privilegiavam o gênero masculino. Todos eram colocados na mesma categoria: o “homem migrante”. A feminização das migrações procura compreender a realidade da mobilidade humana sob a perspectiva do gênero feminino. De acordo com a ONU, as mulheres representam 48% das migrações internacionais. Este dado assegura que o protagonismo da mulher na questão da migratória é um fato inquestionável. Este protagonismo ocorre ao longo de todo o processo de desterritorialização-reterritorialização, que em seus aspectos físicos, correspondem à saída de seus países de origem e à chegada na sociedade de acolhimento.

O *locus* de observação para a pesquisa foi a Feira de Refugiados Chega Junto, que tem como objetivo promover a integração sociocultural dos refugiados na sociedade carioca, por meio da gastronomia típica, reforçando o papel da comida como elemento que valoriza a interculturalidade e o empoderamento dos refugiados. Neste espaço, é possível verificar a atuação destas mulheres nos

espaços simbólicos: reprodutivo, produtivo e público, ou seja, é possível vê-las cuidando do bem estar das suas famílias, participando ativamente da economia doméstica e de forma concomitante, a todo momento, negociando seu espaço e reivindicando sua condição de cidadã.

Referências:

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAUMAN, Zigmunt. **Globalização: As consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BECK, Ulrich. **O que é globalização? Equívocos do globalismo, resposta à globalização**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2015.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3a ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 5: Ed. 34, 1997.

HAESBAERT, Rogério. **Viver no Limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**, Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

_____. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte, 2009.

HIRATA, H. **Divisão, relações sociais de sexo e do trabalho: contribuição à discussão sobre o conceito de trabalho**. Brasília, ano 15, n.65, p.39-49, jan./mar. 1995.

KRZESLO, E. **Migrations et Parcours d'exil: les femmes s'imposent**. REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, ano XV, n. 29, p. 121-137, 2007.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo Retorna: formas elementares da pós-modernidade**, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MAIA, João. **Os agentes Comunicacionais da Mangueira: fluxos e movimentos culturais**. In Comunicação para Cidadania, Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006.

MONTANARI, Massimo. **Comida como cultura**. São Paulo: SENAC, 2013.

RASSE, Paul. **La Diversité Culturelle**. Les Essentiels d'Hermès. Paris: CNRS Édition, 2015.

RODRIGUES, R.; STREY, M. N.; SPINOSA, L. C. **Marcos do Gênero nas Migrações Internacionais das Mulheres**. Psicologia e Sociedade, v.21. n.3, p. 421-430, 2009.

Endereços eletrônicos:

www.unhcr.org/global-trends-2017-media (acessado em 25/10/2018)

http://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/04/refugio-em-numeros_1104.pdf (acessado em 25/10/2018)

<http://www.un.org/en/development/desa/population/migration/publications/migrationreport/docs/MigrationReport2017.pdf> (acessado em 25/10/2018)

<https://m.facebook.com/caritasrj/posts/651278165054902> (acessado em 25/10/2018)

<https://juntalocal.com/> (acessado em 25/10/2018)

<http://www.caritas-rj.org.br/> (acessado em 25/10/2018)